

“SOU POLACA, SEI FALAR POLONÊS” – ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS TERMOS *POLACO* E *POLONÊS*

Alicja Goczyła Ferreira¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a compreensão dos significados dos termos *polaco* e *polonês* na visão de um grupo de polono-descendentes e observar o uso desses lexemas na fala dos informantes. A presente pesquisa está alicerçada nos preceitos da Teoria de Variação e Mudança e na Semântica Lexical. O corpus usado para a análise provém de uma pesquisa de campo realizada em uma comunidade rural de descendentes de poloneses no Paraná e de material jornalístico histórico de alguns jornais curitibanos. A análise indica a possível ocorrência de uma mudança semântica em curso, tanto no nível denotacional, como conotativo.

Palavras-chave: polaco, polonês, polono-descendentes no Brasil, mudança semântica.

Introdução

Os descendentes de poloneses constituem um dos grupos advindos da Europa, imigrados ao Brasil na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX, que contribuíram significativamente para a formação e o desenvolvimento dos estados meridionais do Brasil, principalmente do Paraná e do Rio Grande do Sul. A denominação desse grupo é caracterizada por uma grande variedade de termos, os quais incluem desde os mais comuns *poloneses*, *descendentes de poloneses* e *polacos*, passando pelo termo *polônicos*, até os etnônimos aplicados nos trabalhos acadêmicos, tais como *polono-descendentes* e *polono-brasileiros*. Entre os mencionados, a denominação *polaco* parece ser a mais polêmica e de significado variável, atribuído a depender das identidades dos interlocutores, fatores sociais e contextos comunicativos. O objetivo deste texto é analisar a compreensão do significado dos

¹ Professora do Curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná, mestre em Letras pela UFPR. E-mail: alicja.ferreira@ufpr.br.

termos *polaco* e *polonês* na visão de um grupo de polono-descendentes e o uso desses lexemas, tanto na função de gentílico como de um adjetivo, na fala desses informantes. A principal hipótese levantada é da ocorrência de uma mudança semântica denotacional e conotativa do termo *polaco*, observada em tempo aparente, entre os falantes do grupo pesquisado.

Os dados analisados neste texto foram colhidos durante a pesquisa de campo, uma parte da pesquisa de mestrado (FERREIRA, 2019), realizada no ano de 2018, em uma comunidade rural de polono-descendentes nas proximidades de Curitiba: a Colônia Dom Pedro II. Na ocasião, foram levadas a cabo 48 entrevistas com aproximadamente 10% de todos os moradores de ascendência polonesa da colônia, os quais constituem cerca de 70% da população total da localidade. O objetivo central das entrevistas sociolinguísticas era observar a presença e os níveis de manutenção da língua polonesa na comunidade. Uma das perguntas referia-se ao significado atribuído pelos informantes aos termos *polaco* e *polonês* e as diferenças entre eles. Para os fins deste texto, focaremos as respostas a essa pergunta, mas também o uso dos termos durante a entrevista, inclusive o seu aparecimento na autodenominação dos informantes e da língua polonesa falada na comunidade.

Base teórica

A presente pesquisa está norteada pelos preceitos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH *et al.*, 2016 [1968]) e da Semântica Lexical (GEERAERTS, 2010). As lentes da Teoria da Variação e Mudança permitem perceber a língua como um sistema caracterizado por variação; heterogêneo, porém ordenado. Embora nem toda variabilidade implique a existência de uma mudança em curso, toda mudança é um resultado de uma variabilidade e heterogeneidade. A mudança linguística pode demonstrar distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população, o que, segundo Weinreich *et al.* (2016 [1968]), permite a sua observação *in vivo*, enquanto ela ocorre. Segundo a hipótese de tempo aparente, formulada por Labov (1972), mantidos constantes fatores sociais e estilísticos, as diferenças linguísticas observáveis sincronicamente na fala de gerações diferentes da população refletem o desenvolvimento diacrônico da língua (mudanças linguísticas no tempo real). Apesar de sua aplicação, principalmente na investigação das mudanças no nível fonético ou morfossintático, a hipótese de tempo aparente e, com ela, os preceitos da Sociolinguística Variacionista, têm sido utilizados também nos estudos de variação e mudança semântica (MAGUÉ, 2006; ROBINSON, 2010), dentro de um campo de pesquisa chamado de Sociolinguística Cognitiva (GEERAERTS, 2010).

O fenômeno de mudança do significado dos lexemas tem sido o objeto de interesse da Semântica já desde a abordagem histórico-filológica da metade do século XIX, representada por Hermann Paul. A Semântica Cognitiva demonstra uma afinidade com a abordagem histórico-filosófica, pois, como ela, enfatiza a flexibilidade do significado com um enfoque na semântica diacrônica e na compreensão de um significado com base no uso linguístico (*usage-based approach*) (GEERAERTS, 2010). Para os fins deste trabalho, entenderemos o significado de maneira como os falantes compreendem o lexema ao usá-lo. Nas palavras de Wierzbicka: “O significado de uma palavra é, falando em termos gerais, o que as pessoas ‘querem dizer’ ou ‘têm em mente’ quando a usam” (WIERZBICKA, 1990, p. 107, grifo da autora)².

Na nossa análise, focaremos a mudança semântica da perspectiva semasiológica, na qual observaremos as novas leituras dos lexemas existentes: *polaco* e *polonês*. Entre as mudanças esperadas nesta investigação, vale mencionar as mudanças denotacionais (referenciais) e as conotativas. Nessas últimas, especialmente relevantes para a nossa pesquisa, ocorre uma deslocação do significado emotivo na direção do mais negativo (pejorativização ou degradação) ou mais positivo (amelhoração ou enobrecimento). Distinguiremos também as mudanças semânticas não intencionais, nas quais o significado muda gradualmente e coletivamente, abrangendo a comunidade de fala como um todo, e as intencionais que resultam de um esforço consciente de um falante ou de um grupo de falantes, em busca de uma palavra que expresse melhor suas ideias ou sentimentos (GEERAERTS, 2010). Na nossa investigação, lançaremos mão da análise das reflexões metalinguísticas dos informantes, relacionadas com os termos *polaco* e *polonês*, mas também pesquisaremos o uso desses termos nas falas dos entrevistados. Nessa pesquisa, valer-nos-emos da ferramenta de campos lexicais, compreendida, segundo a acepção de Weisgerber (1962), como “um conjunto de itens lexicais relacionados semanticamente, cujos significados são mutuamente interdependentes e os quais, juntos, proporcionam uma estrutura conceitual para certo domínio de realidade” (GEERAERTS, 2010, p. 52).

Um breve histórico da imigração polonesa no Brasil e sua situação social

O ano de 1869 é considerado a marca inicial da imigração polonesa em massa ao Brasil. As primeiras famílias, provindas da região da Silésia Alta, após uma tentativa fracassada de se estabelecer em Brusque (SC), fundaram a primeira colônia polonesa no Brasil no ano de 1871 em Pilarzinho, hoje um bairro de Curitiba (PR). O auge da imigração polonesa no Brasil

² Todas as traduções contidas no artigo são da nossa autoria.

se deu nos anos 1890-1895, durante assim chamada “febre brasileira” e no início do século XX, nos anos 1907-1912 (GLUCHOWSKI, 1971). No total, estima-se que, até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, 155 mil imigrantes poloneses (KULA, 1981) encontraram seu novo lar no Brasil.

A chegada em massa de poloneses ao Brasil se deve à justaposição de fatores de atração e de expulsão atuantes de ambos os lados do Atlântico. A política liberal e ativa de imigração do estado brasileiro na época percebia o imigrante europeu “como um agente de defesa do território nacional e instrumento de colonização agrícola, cujo destino final seria a assimilação e cuja presença se justificava inclusive sob o mal disfarçado pretexto de ‘embranquecer a raça brasileira’” (OLIVEIRA, 2009, p. 3, grifo do autor). Os poloneses se sentiam particularmente atraídos pelas promessas vindas da região Sul, onde podiam se tornar donos de um bem extremamente escasso na sua terra natal na época, o qual lhes daria a garantia de sustento e de liberdade: a terra.

Na segunda metade do século XIX, o Velho Continente passava por uma grande explosão demográfica, resultante dos avanços da revolução industrial ainda do século XVIII. O crescimento populacional atingiu em especial as zonas rurais, onde aumentava o número de pessoas sem terra, incapazes de achar sustento na indústria ou na área de serviços (MAZUREK, 2019).

No caso dos poloneses, aos fatores mencionados acima, juntaram-se as condições políticas e econômicas específicas que assolavam as terras polonesas no período em questão. Em termos políticos, desde 1772, a Polônia sofria com a consecutiva divisão das suas terras entre três grandes impérios: Prussiano, Russo e Austro-Húngaro, processo que chegou ao seu fim no ano da terceira partilha, 1795, quando o estado polonês entrou em um hiato de sua existência que se prolongaria até o final da Primeira Guerra Mundial (ano de 1918). Em termos socioeconômicos, os meados de século XIX nas terras polonesas caracterizavam-se pelas drásticas mudanças sociais, que resultavam de reformas agrárias e do desenvolvimento do capitalismo. A sociedade, composta na maioria por camponeses, que funcionava até então no sistema feudal, transformava-se em uma sociedade moderna. No entanto, a libertação de camponeses da servidão não significava a concessão automática de terras para todos (MAZUREK, 2019). Uma parte deles, cada vez maior, vivia na condição de camponeses sem terra, sem grandes chances de serem absorvidos pelas cidades e indústrias que se desenvolviam ainda timidamente.

Foram na sua maioria essas pessoas, para as quais a posse de terra simbolizava o sustento da família, mas também a riqueza e a autoridade de senhorio, que responderam ao

chamado do governo brasileiro que lhes prometia uma passagem gratuita para outro lado do mundo, onde as esperava o sonhado pedaço de terra. A atividade agrícola livre que nas terras polonesas, mesmo sendo de pequeno porte, lhes daria um certo *status* social, no seu país de acolhimento era considerada uma atividade de *status* inferior, à qual, nos tempos coloniais, dedicavam-se “agregados, libertos ou descendentes de índios” (WACHOWICZ, 1981, p. 140). Com o passar do tempo e com as chegadas de novas levas de imigrantes poloneses, os mesmos começaram a monopolizar a agricultura de subsistência no Paraná, onde ser polonês passou a ser identificado com o trabalho na lavoura. Na opinião de Wachowicz (1981), esse fato provocou uma situação na qual admitir ser de origem polonesa “era admitir *ipso facto* que se pertencia a uma camada mais baixa da sociedade” (WACHOWICZ, 1918, p. 141).

Dito isso, vale lembrar que a cultura polonesa trazida pelos imigrantes do outro lado do oceano encontrou a sua expressão não somente no campo e na agricultura, mas também marcou a sua presença na vida intelectual brasileira, o que foi registrado, entre outros, nas páginas de mais de 60 jornais e periódicos publicados e lidos no Brasil na língua polonesa a partir do ano de 1892. Embora aproximadamente 90% dos imigrantes poloneses fossem de origem camponesa (MAZUREK, 2019), não se deve esquecer de vários intelectuais poloneses que se instalaram no Brasil e contribuíram para o desenvolvimento da ciência e da arte no seu país de acolhimento.

O preconceito

Uma incursão pelo uso e pelos significados dos dois termos mais comuns para designar os descendentes de poloneses no Brasil precisa começar com uma análise do surgimento de um preconceito. Os prejulgamentos referentes às pessoas de origem polonesa, principalmente no Sul do Brasil, foram observados e comentados por vários pesquisadores, tais como Smolana (1979), Wachowicz (1981), Ianni (1987), Doustdar (1990) e Trindade (2020), entre outros. O polonês do estereótipo, como observado por Ianni (1987) nos anos 1950 em Curitiba, seria “dado a bebidas alcoólicas; [...] teria inclinação especial pelas atividades agrícolas; [suas] filhas teriam predileção pelas atividades domésticas” (IANNI, 1987, p. 174).

Os autores indicam uma série de motivos que podem ter desencadeado uma certa hostilidade para com o imigrante polonês ou, o assim chamado “preconceito antipolonês”. Um deles seriam os atritos e conflitos entre os poloneses e outros grupos de imigrantes, trazidos na bagagem ainda das terras polonesas partilhadas. Conforme as constatações de Doustdar (1990), ainda na Europa, os trabalhadores rurais poloneses eram contratados como mão-de-obra barata pelos proprietários do leste alemão, o que forçou os trabalhadores alemães a procurarem sorte

no oeste do seu país ou do outro lado do Atlântico. Aqui, paradoxalmente, alguns deles reencontraram seus antigos vizinhos poloneses, os quais, por sua vez, mantinham na memória as repressões e as ações de germanização realizadas por estado prussiano. Vale lembrar que a imigração polonesa ao Brasil foi posterior à alemã e à italiana, o que pode indicar, segundo a hipótese de Ianni (1987), que os poloneses teriam se instalado no território já saturado de imigrantes. O temor dos granjeiros alemães da região de Curitiba pelo aumento da concorrência no mercado de produção alimentícia foi o motivo, como assevera Wachowicz (1981), do surgimento de boatos sobre a má índole dos poloneses.

Outro motivo frequentemente citado é a incapacidade inicial dos poloneses de obter sucesso econômico na criação de núcleos de agricultura, devido a diferenças climáticas e à inadequação de seu patrimônio tecnológico. Os poloneses não teriam conseguido “estabelecer-se sem criar problemas para a sociedade adotiva” e, com isso, “as avaliações negativas começaram a estruturar-se e logo se tornaram um produto social dinâmico, generalizando-se em seguida a todo polonês” (IANNI, 1987, p. 176). É mister salientar que a hipótese da inadequação do camponês polonês às condições brasileiras e do seu consequente fracasso econômico não é compartilhada por todos os pesquisadores. Por exemplo, para Wachowicz (1981), o camponês polonês foi uma fonte de inovação na área de técnicas, instrumentos e produtos agrícolas. Para esse autor, a principal fonte do preconceito antipolonês seria o fato de os poloneses terem se ocupado da lavoura, atividade exercida até então pelas pessoas consideradas de *status* social baixo.

É importante trazer mais um fator que surgiu no período entreguerras, após a recuperação da independência da Polônia no ano de 1918, depois de 123 anos de inexistência no *mapa mundi*. Para Smolana (1979), esse período trouxe uma modificação da atitude com relação à Polônia, a qual, da perspectiva brasileira, transformou-se de um país heroico, apoiado pelo estado brasileiro na sua luta pela independência, em um país-potência, um inimigo imperialista em potencial. Nos anos 1930, o governo polonês iniciou algumas ações de aquisição de terras na região de confluência das fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai com o intuito de comportar assentamentos poloneses (TRINDADE, 2020). Esses acontecimentos, ocorridos no momento de desenvolvimento de nacionalismos tanto na Polônia, como no Brasil, fizeram com que surgisse uma imagem ou uma construção de “imperialismo polonês” e, com ele, um discurso “antipolonês” ou de “polonofobia” entre a intelectualidade brasileira (TRINDADE, 2020).

Como assevera Trindade (2020), as perspectivas brasileiras com relação aos poloneses eram ambíguas, pois eram considerados:

De um lado, representantes de uma etnia inferiorizada desde o século XIX na comparação com outros imigrantes europeus, em razão do seu caráter econômico e mesmo social [...]. De outro lado, um elemento perigoso militarmente [...], de modo que configuravam um medo de avanço “imperial” no Brasil [...]. Por outra perspectiva, no entanto, eram vistos como elemento positivo por décadas, um agricultor laborioso, dedicado ao campo, católico como o brasileiro idealizado, branco como parte do projeto de colonização ou “colonialismo interno” do Brasil [...]. (TRINDADE, 2020, p. 406, grifos do autor).

Polaco ou polonês

Polaco é um substantivo usado para se referir às pessoas naturais, habitantes ou cidadãos da Polônia ou à língua eslava falada nesse país (DICIONÁRIO..., 2001), nos países de língua portuguesa, exceto o Brasil. No nosso país, segundo a acepção de Houaiss *et al.* (2001), embora *polaco* seja o mesmo que *polonês*, “no Brasil, do final do sXIX para cá, prevalece o uso de *polonês*, [...] provavelmente porque, no feminino, *polaca* foi usado como ‘prostituta’” (HOUAISS *et al.*, 2001). O mesmo dicionário traz quatro definições da palavra *polaca*, das quais a última é “*pejorativo, obsoleto* mulher da vida, meretriz”, sendo outras três acepções: a mulher nascida ou habitante da Polônia, a dança, e a denominação informal, pejorativa da Constituição do Brasil do ano de 1937.

Quanto ao significado da palavra *polaca*, Wolny (2018) explica que ela foi usada para denominar dois grupos distintos de mulheres: as imigrantes polonesas estabelecidas principalmente no Sul do país e as escravas brancas, frequentemente judias loiras, trazidas para o Brasil pelos traficantes. As duas figuras, no imaginário comum, foram “fundidas”, pois:

Por meio da atribuição essencialista das características universais referentes à aparência, fisicalidade e sexualidade à figura da *polaca*, ocorre o esbatimento das diferenças entre a personagem histórica (embora marginal) da prostituta judia e a imigrante polonesa, igualmente condenada à exclusão, devido à sua origem e à sua posição social ocupada no Brasil (WOLNY, 2018, p. 150).

A pesquisadora traz ainda, citando Rago (1991), uma observação referente à variação diatópica do significado do termo *polaca*, o qual podia designar as polonesas, não sendo um sinônimo de prostituta, nos estados meridionais, com a grande imigração eslava. No entanto, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o termo referia-se às prostitutas, porém nem sempre as judias ou polonesas (WOLNY, 2018).

Essa diferença regional pode indicar que a mudança semântica do lexema *polaco* que ocorreu provavelmente, segundo Houaiss *et al.* (2000), no final do século XIX resultava, na região Sul, principalmente da posição social de imigrantes poloneses no Brasil e do preconceito instalado em função dela, descritos no ponto anterior deste texto. O gentílico *polaco*, naquela

época, passou de denominar ‘a pessoa natural da Polônia’ a denominar ‘uma pessoa do campo, simples, de pouca formação, chegada à bebida alcoólica, loira’ e servir como um xingamento.

Vale mencionar que o fenômeno de surgimento de uma palavra que se refere de maneira depreciativa às pessoas de origem polonesa não é exclusivo do Brasil. Por exemplo, na Alemanha e na Grã-Bretanha, territórios que historicamente recebiam grandes fluxos de imigração econômica polonesa, ao lado dos termos neutros (*der Pole* ou *Pole*, respectivamente), existe o termo *Polack* com significado pejorativo. Segundo Szarota (1984), no caso da língua alemã, não se trata de um fenômeno excepcional, pois as alcunhas que refletem os estereótipos para com as etnias vizinhas são comuns e recíprocas na fala de alemães, poloneses, franceses, tchecos, russos, entre outros.

Na mudança semântica ocorrida na palavra *polaco* na língua portuguesa, chama atenção o aspecto conotativo da alteração do significado, mais especificamente da pejorativização, na qual o significado do termo adquiriu traços semânticos negativos, ausentes na acepção anterior. Entretanto, percebemos a presença também da mudança denotacional, pois nem todas as pessoas naturais da Polônia podem ser caracterizadas pelos atributos contidos no novo significado da palavra e vice-versa. Na visão de Geeraerts (2010), essa coocorrência da mudança denotacional e do valor emotivo da palavra parece ser impossível sem a mudança primária nos elementos conotativos. O autor cita o exemplo da palavra inglesa *boor*, a qual originalmente denotava ‘um camponês’ e passou a denotar ‘uma pessoa grossa’. Segundo o pesquisador, essa mudança denotacional ocorreu, pois *boor* tornou-se uma denominação depreciativa de um camponês ainda antes de a parte negativa do seu valor semântico ter se separado e generalizado para ‘pessoa grossa’ (GEEREARTS, 2010, p. 28). O objetivo deste texto não é a averiguação, no caso do lexema analisado, da hipótese de Geeraerts, a qual, no entanto, nos proporciona uma pista da possível trajetória do significado do termo *polaco* na região meridional do Brasil.

Dito isso, o surgimento e a difusão do gentílico *polonês* no Brasil parecem responder a uma necessidade de falantes e das pessoas de origem polonesa de firmar a mudança denotacional do significado do termo *polaco*. Conforme Iarochinski (2011), o termo *polonês*, chamado pelo autor de “afrancesado”, foi sugerido, provavelmente no ano de 1927, pelo então Embaixador da França no Brasil para o primeiro Cônsul Geral da Polônia, em Curitiba, para denominar as pessoas naturais da Polônia e substituir o difamado *polaco*. Se isso for verdade, pois Iarochinski admite apoiar a sua hipótese nos registros orais, pode-se falar de uma inovação onomasiológica intencional, na qual um item lexical novo (*polonês*) passa a expressar uma parte

do significado do lexema *polaco*. Esse último, por sua vez, perde o seu traço ‘nacionalidade polonesa’ e completa a mudança denotacional do significado.

Contudo, é importante ressaltar que a palavra *polonês* não era um neologismo criado pelo Embaixador da França nos anos 1920. Apesar de o termo *polaco* ter sido, sem dúvida, o mais frequente para designar as pessoas naturais da Polônia nos textos em língua portuguesa desde o século XVI, e especialmente no século XVII, os registros do uso de *polonês* são encontrados desde o ano 1656 (CUNHA, 1998). Chama atenção o fato de que a carta citada por Cunha (1998) com esse registro contém quatro formas diferentes usadas para designar os poloneses, a saber: *polaco* (12 vezes), *polonês* (10 vezes), *polonez* (20 vezes) e *polono* (duas vezes).

Uma busca aleatória nos jornais curitibanos da primeira década do século XX, portanto vinte anos antes da suposta decisão diplomática da introdução do gentílico *polonês*, já traz uma paisagem de certa variação quanto à denominação das pessoas naturais da Polônia e dos imigrantes poloneses. Tomando como exemplo um texto do *Diário da Tarde*, do ano de 1906, observamos o uso alternado de *polaco* (“população polaca”, “origem polaca”, “os polacos”) – tanto para se referir às pessoas e situações da Polônia, como aos assuntos concernentes à imigração polonesa no Brasil – e do termo *polonez(a)* ou *polonesa*. É mister ressaltar que esse último termo é usado exclusivamente com o significado ‘habitante da Polônia’ ou ‘pertencente à Polônia’ e não relacionado com a imigração polonesa no Brasil (OS POLACOS..., 1906). Obviamente, um artigo apenas não pode constituir uma prova categórica da variação semântica dos termos *polaco* e *polonez* na época, porém comprova que ambos os termos existiam simultaneamente na escrita de um dos jornais mais populares da capital curitibana. Isso nos leva a supor que a inovação proposta provavelmente pelo Cônsul da Polônia reforçava uma tendência já existente no uso linguístico dos termos envolvidos.

Seja como for, o etnônimo *polaco* no Brasil, ao passar do tempo, perdeu seu traço ‘referente à Polônia, natural da Polônia’, o qual passou a compor o significado do lexema *polonês*. O primeiro dos termos se especializou e assumiu conotações pejorativas em referência às pessoas do campo, de pouca formação e de baixo *status* social, enquanto a palavra *polaca* sofreu uma mudança denotativa referindo-se agora a uma mulher do campo ou a prostituta, também com o valor emotivo depreciativo. O termo *polaco* serviu de base lexical para várias expressões sintagmáticas preconceituosas, usadas comumente nos contatos da população paranaense com os descendentes de origem polonesa. Os informantes da nossa pesquisa, realizada na Colônia Dom Pedro II nos arredores de Curitiba (FERREIRA, 2019), lembram claramente de serem chamados de “polaco sem bandeira”, “polaco burro”, “polaco azedo” ou

“polaco batateiro”. Essas lembranças com a forte marca de dor, de exclusão e de vergonha da sua origem, vêm principalmente da metade até o final do século XX.

Com o intuito de comparar essa realidade linguística da colônia com a circulação do termo *polaco* no espaço público curitibano, voltamos às páginas do *Diário da Tarde* e do jornal curitibano de apelo popular *Correio de Notícias: A serviço do Paraná*. A leitura de todas as edições do primeiro, dos anos de 1930, 1950 e 1970, e do segundo, do ano de 1990³, trouxe-nos os seguintes contextos ou significados do uso do termo *polaco* ou *polaca*:

Quadro 1. Os contextos e significados dos termos *polaco* e *polaca* nos jornais curitibanos *Diário da Tarde* nas edições do ano de 1930, 1950 e 1970 e no *Correio de Notícias* nas edições do ano de 1990.

Significado ou contexto	1930	1950	1970	1990
habitante da Polônia	+			+
imigrante de origem polonesa no Brasil	+			+
pessoa simples, do campo ou empregada doméstica, de origem polonesa	+			
um assaltante, explorador de mulheres, criminoso, de origem polonesa ou não	+			
um assassino, habitante da Polônia	+			
uma vítima de roubo ou assalto, de origem polonesa ou não	+	+		
usado como apelido	+	+	+	+

Fonte: <http://memoria.bn.br/>

Como vemos no Quadro 1, ainda no ano de 1930, o termo *polaco* era usado pelo *Diário* em vários contextos, bastante diversos. De um lado, temos “a prima-dona polaca” em referência a cantora polonesa Halina Bruzovna (Bruczówna), do outro, uma quantidade considerável de pessoas de mundo criminoso chamadas pelo jornal de *polacos*. O seguinte trecho demonstra o valor emotivo pejorativo do etnônimo em questão, o qual transparece em vários fragmentos dos textos do jornal:

O polonez, que vem ao Paraná, é calmo, trabalhador e productivo. No entanto, alguns elementos da colonia polaca domiciliada em nosso Estado, têm fogo nas veias, alma de cossaco, bravura de tártaro!... Qualquer qui-pro-quo é esclarecido á bala! (O CONFLITO..., 1930, p. 10, grifos nossos).

Vejamos que, quando o texto se refere às qualidades positivas do imigrante polonês, chama-o de “polonez”. No entanto, os elementos não desejáveis de seu grupo pertencem à colônia polaca, e não polonesa. O emprego do termo *polaco* no *Diário* no ano de 1930

³ *Diário da Tarde* cessou a sua existência no Paraná no ano de 1983. Por isso, para a análise do ano de 1990, escolhemos o outro jornal de grande circulação na época.

representa, provavelmente, a situação a qual o Cônsul da Polônia quis evitar: quando a palavra usada em referência às pessoas de “má índole” tem, ao mesmo tempo, a função do gentílico para as pessoas provindas de um país.

Essa ambiguidade do termo desapareceu, ao menos das páginas do periódico analisado, nas edições dos anos 1950 e 1970, quando o etnônimo *polaco* foi abandonado e seu emprego se limitava somente aos apelidos de alguns poucos jogadores de futebol. Já vinte anos depois, o jornal *Correio de Notícias* lançava mão do termo *polaco*, com uma frequência maior; quase exclusivamente nos apelidos, porém o número e o *status* social das pessoas com o apelido “Polaco” parece ter crescido. Além de dois assaltantes, temos um delegado, um músico curitibano, o fotógrafo Orlando “Polaco” Kissner, um jogador do Coritiba e Paulo Leminski, chamado com frequência de “poeta polaco”. O adjetivo *polaca*, ausente no *Diário da Tarde* em todas as edições do ano de 1950 e do ano de 1970, aparece no *Correio de Notícias* no ano de 1990, principalmente para se referir a um bloco de carnaval de Curitiba, a Banda Polaca, mas também se escreve da “comunidade polaca” em Curitiba ou descreve-se a capital como “cidade polaca”, nos contextos aparentemente livres de significados pejorativos. Nas cartas do jornal, descobrimos também que, na ocasião da comemoração de 120 anos da imigração polonesa no Brasil, foi organizada a exposição das pinturas de Lizete Szczepanski sob o nome “Viagem à casa polaca” (FESTA..., 1991). Surpreende o fato de que chama-se de *polaco*, embora raramente, as pessoas e as obras da arte naturais da Polônia, embora o termo *polonês* pareça ter “sugado” essa parte da antiga composição semântica do lexema *polaco*. Temos, portanto, a “estrela polaca” na pessoa do jogador de futebol polonês, Grzegorz Lato, e a “ópera polaca” *Halka*, apresentada no Teatro Guaíra pelos artistas poloneses no ano de 1990.

De volta ao século XXI, no jornal de mais alcance em Curitiba, a *Gazeta do Povo*, o termo *polaco* continua restrito aos apelidos, nesse caso de candidatos aos vereadores (“Polaco do Ônibus”, “Polaco do Açougue”, etc.). Além disso, aparece em dois artigos, cujo tema é justamente o uso do termo *polaco*, com a participação de jornalista Ulisses Iarochinski, grande defensor desse etnônimo.

Embora a cautela ao chamar alguém ou algo de *polaco* ou até o evitamento da palavra sejam claros nos textos da imprensa, principalmente a partir dos meados do século XX, percebemos, ao mesmo tempo, uma ambiguidade do termo. O fato de observarmos a sua presença nos apelidos, que com alguma frequência são frutos de autodenominações, como foi o caso de Leminski ou, provavelmente, dos candidatos para vereadores, revela o significado com valor emotivo positivo, o qual remete a uma pessoa “daqui”, talvez loira, talvez de origem polonesa, “o nosso Polaco”, como é chamado o conhecido fotógrafo curitibano Orlando Kissner.

É interessante mencionarmos que a presença do apelido “polaco” entre os candidatos políticos não se limita à Região Sul do nosso país e pode ser observada nos territórios com muito pouca ou nenhuma presença de imigração polonesa⁴.

Lembremos que os contextos de uso descritos acima foram observados na linguagem jornalística da capital paranaense, cuja realidade linguística e social pode divergir da realidade das comunidades rurais, tanto do Paraná como de outros estados da Região Sul, onde vivem as pessoas frequentemente chamadas de “polacos”. Iarochinski (2011) conta a sua experiência de ser interrompido durante uma entrevista para uma pesquisa no início do século XXI no interior do Paraná, quando um dos entrevistados “se sentiu terrivelmente agredido com a palavra [polaco]”, a qual, segundo ele “era muito feia e significava burrice”. Mendes (2021), a qual pesquisou duas comunidades de polono-descendentes no Paraná e em Santa Catarina, observou uma certa aversão ao termo *polaco* somente na comunidade paranaense, enquanto os seus informantes catarinenses demonstravam uma tendência de se autodenominarem justamente como *polacos*.

Essas diferenças regionais do significado do gentílico *polaco*, que não poderão ser analisadas com profundidade neste texto, surgem também na pesquisa de Martins (2009). A autora percebe diferenças diatópicas dentro do estado do Rio Grande do Sul, onde no norte “o polaco seria o polonês pobre”, enquanto no sul essa mesma palavra designaria qualquer pessoa de cabelos claros (MARTINS, 2009, p. 3212). Ao mesmo tempo, no seu estudo realizado com as crianças do ensino fundamental na cidade de Áurea (RS), na região norte do Rio Grande do Sul, Martins (2009) observou a ausência das conotações negativas no caso de alguns sujeitos, para os quais o vocábulo *polaco* era um sinônimo de *polonês* ou referia-se à identidade étnica fortemente relacionada com o uso da língua “polaca”.

Polaco ou polonês na colônia

Qual é a diferença entre a palavra polonês e polaco?

Essa variação de usos e de significados atribuídos aos termos pelos falantes, os descendentes de imigrantes poloneses, veio à tona também durante a nossa pesquisa sociolinguística realizada na Col. Dom Pedro II. Como assinalado anteriormente, uma das perguntas referia-se ao significado dos termos em questão na aceção dos informantes. As reflexões metalinguísticas com relação aos vocábulos analisados, tecidas pelos descendentes de

⁴ Tavares de Barros, Machado e Philippsen (2017), ao levantarem as alcunhas étnicas nos nomes dos candidatos políticos no território sul da Amazônia Meridional, constataram a alta frequência do apelido “polaco”, sendo ele o segundo mais produtivo, precedido apenas pelo “japonês”.

poloneses da área rural, trouxeram uma grande variedade da interpretação desses etnônimos. Uma análise qualitativa das entrevistas permitiu compilar as opiniões de entrevistados, como demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1. Significado da palavra *polaco* segundo os informantes (em % de todas as menções)



Adaptado de FERREIRA, 2019.

Os dados retratados no Gráfico 1 reiteram a conotação negativa do termo *polaco*. Se somarmos todas as respostas que atribuem ao termo algum valor pejorativo permanente até hoje em dia (a primeira, a segunda e a quarta no Gráfico 1), chegaremos a 41% de todas as menções. Contudo, esse mesmo dado demonstra que a maioria das menções feitas pelos informantes não contemplava mais o seu valor depreciativo. Observemos também que o valor pejorativo do termo, segundo alguns dos informantes, depende do seu contexto de uso, o que corrobora a tese de Martins, para a qual o significado do *polaco* “depende de quem fala, do lugar em que os sujeitos se inscrevem e para quem se fala” (MARTINS, 2009, p. 3218).

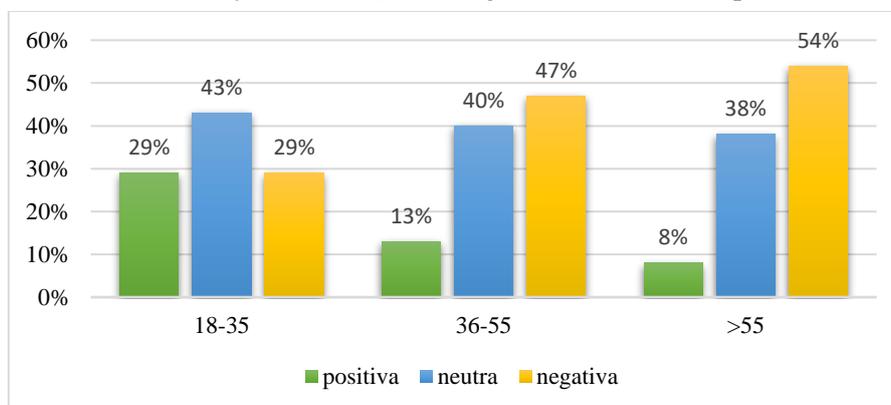
São interessantes as observações metalinguísticas de que o termo *polaco* seria mais correto do que o *polonês*, o que percebemos no relato de um dos nossos informantes da faixa etária mais velha (acima de 55 anos):

Se alguém me chamar de polaco, cuidado! Vai ver! Mas pior que é o certo... Nós achamo que é o polonês, mas padre [nome] disse que o certo é polaco. Mas na nossa região..., aqui o, polaco é como discriminação. Por isso eu falei, se um dia alguém me chamar, se cuide!

A fala citada indica uma vacilação do informante entre o valor da palavra nos termos do que ele considera ser a norma linguística, alicerçada na autoridade do padre polonês, e a sua própria avaliação do valor emotivo do lexema, claramente pejorativo, nos contextos comunicativos da região. Entretanto, na mesma família, encontramos um contraponto para essa constatação tão categórica do valor discriminatório do vocábulo *polaco*, no relato de uma mulher de 23 anos. Para ela era importante o valor carinhoso dos apelidos *polaquinho* ou *polaquinha*,

os quais, na acepção dela, são um elogio, usados com frequência para se referir às crianças da colônia. Essa diferença na avaliação dos termos indica uma necessidade de análise com a inclusão da variável do grupo etário dos informantes, o que apresenta o Gráfico 2.

Gráfico 2. A conotação do termo *polaco* segundo os informantes, por faixa etária.



Fonte: FERREIRA, 2019.

Do Gráfico 2 inferimos uma diferença considerável no valor emotivo atribuído ao termo *polaco* pelos informantes de diferentes faixas etárias⁵. Embora a conotação negativa esteja ainda presente no entendimento de quase um terço dos informantes mais jovens, a mesma parcela deles percebe o valor emotivo positivo da palavra *polaco*, o que contrasta com somente 8% de informantes de mais idade que compartilham dessa visão. Nas lembranças de uma grande parte dos representantes das gerações acima de 35 anos, ecoam ainda as palavras escutadas antigamente na escola, quando o *polaco* fazia parte do vocabulário usado para “tirar sarro” ou “fazer bullying”. Como nos contou uma das informantes de 36 anos: “*Polaco* para mim é mais ofensivo. Quando a gente era pequeno, chamavam a gente de *polaco* para ofender. Hoje isso já fica coisa gravada”. Chama atenção o fato de que alguns dos informantes mais jovens (18-19 anos), anteriormente à nossa entrevista, não sabiam que o etnônimo *polaco* pode ser ou era, no passado não tão distante, uma ofensa. Para eles, esse termo refere-se simplesmente ao descende de poloneses no Brasil (em contraponto às pessoas nascidas na Polônia), sendo usado principalmente como um apelido carinhoso. Nas palavras de um informante de 23 anos:

Polaco? É apelido apenas. Não é adjetivo. Como existe o baiano, o paulista, o gaúcho, existe o *polaco*. Uma forma de representar apenas, no meu entendimento. Um apelido para nós descendentes. Onde trabalhava, me chamavam *polaco*. Não me sinto ofendido. Apenas acho que é uma forma de tratamento.

Quanto à questão da norma prescritiva, já levantada na fala de um informante de mais idade, ela é vista de outro ângulo pela geração média (36-55 anos), o que ilustra o comentário de

⁵ Cada grupo etário contava com 16 informantes: 8 de sexo feminino e 8 de sexo masculino.

uma das entrevistadas de 39 anos: “Não sei..., eu falo que sou polaca. *Polonesa* é a forma mais correta, talvez..., o termo mais correto”. De novo, a norma linguística como percebida pela falante parece divergir da sua própria concepção do termo e, inclusive, da sua maneira de se autodefinir. Isso nos leva ao próximo ponto da análise: quais termos os descendentes usam para falar de sua identidade.

Eu sou...?

Perguntados como se identificam ou como se sentem em termos de etnicidade, os entrevistados respondiam de forma bastante variada, em um contínuo de identidades desde o “totalmente polonês/polaco”, passando por vários níveis de combinação de “polonidade” e de “brasilidade”, até o “cem por cento brasileiro”.⁶ O que nos interessa neste momento, é o uso dos termos *polonês* ou *polaco* nessa função de expressão da sua identidade. Vale mencionar que esse levantamento foi possível somente no caso das entrevistas realizadas, pelo menos parcialmente, na língua portuguesa. Por isso, o grupo acima de 55 anos e uma parte do grupo etário médio não poderá ser considerado, já que as falas na língua polonesa não trazem a distinção entre *polonês* e *polaco*.⁷

Entretanto, alguns dos entrevistados, ao expressar a sua identidade étnica, introduziam, no meio da sua fala proferida em polonês, o termo na língua portuguesa, o que podemos observar nas seguintes palavras: “Jo jestem Polak, *polaco*, mi się widzi, że bardziej”⁸ (inf. masc., 38). E é justamente o grupo etário desse informante, de 36 a 55 anos, cuja atitude para com os termos *polaco* e *polonês* parece ser mais complexa. Enquanto o grupo mais novo, apesar de sua aparente apreciação do termo *polaco*, raramente usa-o para identificar a sua identidade étnica, valendo-se mais de *polonês* ou *descendente de polonês*, as pessoas da faixa etária média demonstram uma tendência oposta. A maioria deles, inclusive os que avaliaram a palavra *polaco* como uma “palavra popular pejorativa para falar de nós descendentes de polonês”, ao responder à pergunta se sente-se polonês ou brasileiro, respondeu, sem hesitação, “Eu sou polaco”. O seguinte trecho da entrevista com um outro informante dessa faixa etária revela a dependência do significado do termo da situação enunciativa:

Entrevistadora: Quando alguém fala “você é polaco” ou “você é polonês”, o que é melhor?

Inf: Polonês, acho.

E: E quando você fala: “eu sou ...”?

⁶ A análise desse dado não será o objeto do presente texto e pode ser consultada no Ferreira (2019).

⁷ O gentílico usado na língua polonesa para designar uma pessoa de nacionalidade polonesa é *Polak* (masculino) e *Polka* (feminino). Não existem termos que poderiam refletir a distinção de significados presentes na língua portuguesa. no caso de vocábulos *polaco* e *polonês*.

⁸ Em português: “Eu sou polonês, polaco, me parece que mais [do que brasileiro]”.

Inf: Polaco!

No mesmo grupo etário aconteceram duas situações nas quais as informantes autocorrigiram a sua fala ao expressarem sua identidade da seguinte maneira: “sou mais polonesa... sou polaca!” A ênfase percebida na prosódia do enunciado nos leva a acreditar que a primeira parte, provavelmente elicitada pela palavra *polonesa* usada pela entrevistadora ao fazer a pergunta, causou um estranhamento nas informantes, as quais, imediatamente, corrigiram-se, valendo-se do etnônimo *polaca*, o qual, paradoxalmente, tinha sido considerado por uma delas altamente discriminatório apenas alguns minutos antes.

A ambiguidade e a complexidade dos significados do gentílico *polaco* e de seu uso observada nos relatos dos informantes, os quais não raramente sentem-se ofendidos pelo termo e, ao mesmo tempo, identificam-se com ele, geram várias perguntas no tocante à construção da identidade de *polaco/polonês/descendente de poloneses* nas comunidades de polonodescendentes e fora delas. O espaço dedicado a esse texto não nos permitirá abordar essa questão. No entanto, não se pode negar que a língua polonesa falada nas colônias é um dos elementos importantes dessa identidade, como percebido, por exemplo, por Martins (2009). Passaremos, portanto, a uma breve análise do uso dos termos *polaco* e *polonês* na descrição da língua usada na colônia.

A língua que a gente fala...

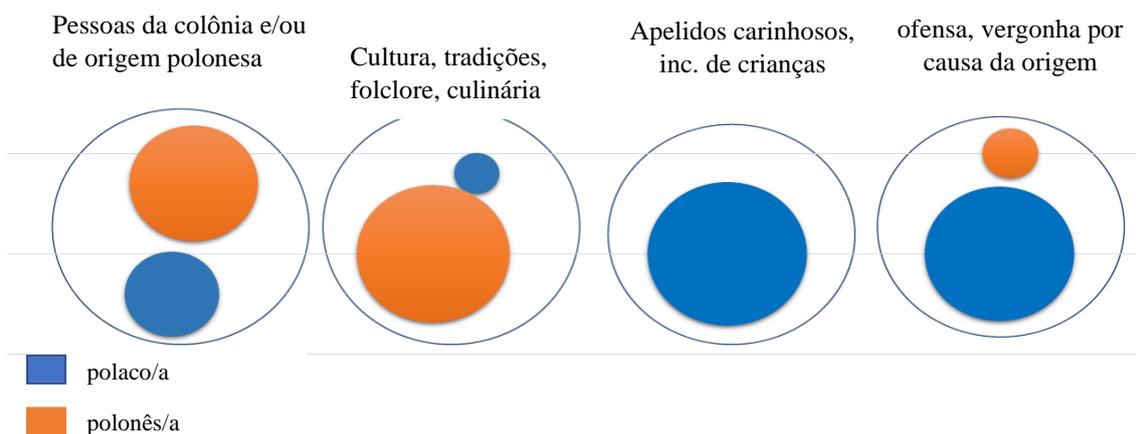
Embora os termos “língua polaca” ou “falar polaco” tenham sido registrados em algumas comunidades (por exemplo, por MARTINS, 2009), eles não apareceram nas nossas entrevistas realizadas na Colônia. Somente um dos informantes referiu-se uma vez à língua usada na localidade como “polaco-brasileiro”, para enfatizar a sua característica de conter elementos de ambos os códigos envolvidos na sua criação. Apesar de várias ressalvas expressas pelos informantes acerca da “gramaticalidade” da sua fala (FERREIRA, 2020), todos eles chamam a língua de seus ancestrais, cultivada por uma parte dos informantes até hoje, de *polonês*. Esse fato, ao nosso ver, deixa claro o sentimento de pertencimento a uma comunidade linguística maior, comunidade de língua polonesa, trazida pelos seus ancestrais da Polônia com a qual sentem uma conexão que lhes permite dizer: “Sou polaca, sei falar polonês” (inf. fem., 50 anos).

O polaco mantém a cultura polonesa

A última parte desta análise consiste em averiguar em quais contextos as palavras *polaco* e *polonês* são empregadas pelos nossos informantes. Para poder levar a cabo esse objetivo, identificamos quatro campos lexicais principais nos quais os vocábulos em questão

foram utilizados, sendo excluído o campo referente à língua, como também os comentários metalinguísticos e de expressão de identidade, já descritos nos pontos anteriores. A distribuição da frequência do uso dos lexemas em quatro campos lexicais identificados está apresentada na Figura 1.

Figura 1. A frequência do uso dos termos *polaco/a* ou *polonês/a* nos campos lexicais, representada pelo tamanho do círculo.



Como observamos na Figura 1, a palavra *polonês* ocupa a maior parte das expressões relacionadas à origem de descendentes dos imigrantes da Polônia e, em geral, às pessoas que moram na colônia. Fala-se, portanto, de outras “famílias polonesas” da “colônia polonesa”, cujas filhas se casaram com “poloneses”. No entanto, nesse campo, está visível uma mudança geracional, a qual pode indicar uma mudança semântica em curso, pois enquanto os mais jovens não hesitam em usar o termo *polaco* para se referir a seus vizinhos e a sua origem (42% das menções), os de mais idade fazem isso com uma frequência consideravelmente menor (somente 22% das menções). Esse dado corrobora a tendência observada nos comentários metalinguísticos dos jovens, os quais, não só dizem atribuir um maior valor emotivo positivo ao termo *polaco*, mas também se valem dele mais para descrever a sua comunidade e a si mesmos.

Contudo, esse mesmo processo não ocorre no campo lexical ‘cultura, tradições, folclore, culinária’ onde, independente da faixa etária dos informantes, reina o adjetivo *polonês*. Os entrevistados mantêm a “cultura e tradições polonesas” relacionadas com a “religião polonesa”; lembram dos antigos “casamentos poloneses” com “comidas polonesas” e com “a dança e música folclórica polonesa”. Ocorreu somente uma menção de “tradições polacas” na fala de uma informante de 80 anos.

Os próximos dois campos lexicais, por sua vez, são dominados pelo termo *polaco*, o qual é bastante comum nas manifestações de carinho e simpatia, porém, ao mesmo tempo, carrega a marca de expressões de ofensa, uma fonte de vergonha da origem polonesa. Vale

ênfatizar que somente o grupo mais jovem e o de faixa etária média percebem o valor carinhoso do termo *polaco*, ausente nas conversas com os representantes mais idosos da localidade. Na faixa etária 36-55 anos, observamos maior frequência de *polaquinho/polaquinha* em referência às crianças. Chamou a nossa atenção a conversa de uma avó de 50 anos com o seu netinho, durante a qual, de modo brincalhão e cheio de afeto, a mulher o chamou de “polaco preto”, referindo-se ao fato de a mãe dele ser de origem portuguesa.

Apesar das mudanças que indicariam um enobrecimento do termo *polaco* (as conotações positivas do termo e seu maior uso ao se referir à comunidade, na geração mais jovem), ele continua a dominar, independente da faixa etária dos entrevistados, nos fragmentos das entrevistas que tratam do preconceito sofrido antigamente pelos moradores da colônia, da vergonha da própria origem e o conseqüente abandono, em alguns casos, da língua dos ancestrais. As seguintes palavras de uma das nossas informantes mais jovens (20 anos) refletem bem a associação do termo *polaco* com a vergonha: “E daí, talvez... o *polonês* tenha ficado o *polaco*. Ficou com vergonha de falar polonês na frente dos outros”.

Conclusões

A nossa incursão, certamente não exaustiva, nos usos dos etnônimos *polaco* e *polonês* nos permitiu traçar o desenvolvimento e perceber vários desdobramentos de significados atribuídos a esses lexemas. O termo original *polaco*, com a chegada de grandes ondas de imigrantes poloneses no Brasil, e o surgimento de um preconceito para com esse grupo, no final do século XIX, começou a passar por uma mudança semântica conotativa (pejorativização) e denotativa. Esse processo levou ao ressurgimento do vocábulo *polonês*, já existente na língua portuguesa, porém com baixa frequência de uso até então, o qual, como observamos na imprensa do início do século XX, assumia o traço ‘pertencente a ou habitante da Polônia’. Com a provável decisão diplomática tomada nos anos 1920 da substituição do gentílico *polaco* por *polonês*, a mudança semântica do termo *polaco* se fixou, deixando na sua composição semântica principalmente o traço pejorativo ‘pessoa simples do campo, de pouca formação, de origem polonesa’, mas também, por extensão, os traços referentes à criminalidade. Nos textos da imprensa curitibana do ano de 1930, observamos esse uso depreciativo da palavra *polaco*, bastante nítido, sobretudo nas matérias que descrevem assassinos, “exploradores de mulheres” e pessoas a serem deportadas como *polacos*. O desaparecimento da palavra *polaco* das páginas da imprensa curitibana nas próximas décadas do século XX pode indicar a existência de um valor depreciativo no seu significado. Os poucos usos da palavra referem-se aos apelidos, inicialmente somente de jogadores de futebol, e, no final do século, também das pessoas

importantes na vida intelectual da capital paranaense. Observamos também uma volta tímida do uso do termo ao se referir, de forma não preconceituosa, à comunidade de polono-descendentes. Esses dados podem apontar para um apagamento, pelo menos parcial em algumas situações de uso, do valor emotivo pejorativo do termo *polaco*, o qual talvez esteja em um processo de mudança conotativa de enobrecimento. O seu valor denotativo parece ter se fixado e assumido o significado ‘de ascendência polonesa no Brasil’.

Os dados das entrevistas com os polono-descendentes de uma comunidade rural perto de Curitiba confirmam até certo ponto essa hipótese. A frequência da ocorrência das associações negativas do termo *polaco*, embora elas continuem presentes em todas as faixas etárias dos informantes, demonstra uma correlação negativa com relação à idade dos entrevistados. As pessoas mais jovens trazem para o termo significados novos, ausentes na acepção de seus avós, tais como um de apelido carinhoso ou de uma distinção denotacional, sendo o *polonês* reservado para as pessoas nascidas na Polônia e o *polaco* para os polono-descendentes. Ainda que os nossos informantes falem a “língua *polonesa*” e cultivem as “tradições e costumes *poloneses*”, as gerações mais novas chamam a sua comunidade e seus vizinhos de *polacos*, palavra essa também usada por várias pessoas para expressar a sua identidade.

Talvez, parafraseando uma das nossas informantes citadas anteriormente, o fato de que o “polonês ficou polaco”, com o passar do tempo e acompanhado de uma mudança semântica de enobrecimento, não precise mais ser associado com a vergonha, mas com uma identidade híbrida e dinâmica, composta tanto de polonidade, como de brasilidade.

Referências bibliográficas

TAVARES DE BARROS, Fernando H.; MACHADO, Lucas L.; PHILIPPSEN, Neusa I. Alcinhas e (i)migração no sul da Amazônia Meridional. *Organon*, v. 32, n. 62, n.p., 2017.

CUNHA, Antônio G. da. Alguns etnônimos eslávicos (Estudo histórico-etimológico). *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 143-157, 1998.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, [on-line], 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 20 maio 2021.

DOUSTDAR, Neda M. *Imigração Polonesa: raízes históricas de um preconceito*. Curitiba, 1990. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

FERREIRA, Alicja G. *A presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II, Campo Largo, Paraná*. Curitiba, 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPR.

FERREIRA, Alicja G. “Polonês é bonito, mas aqui se fala brasileiro” – atitudes linguísticas com relação à língua polonesa e sua manutenção. *Web Revista Sociodialeto*, v. 11, n. 32, p. 139-175, 2020.

FESTA para os poloneses. *Correio de Notícias*, Curitiba, 19 de outubro de 1991, p. 10.

GEERAERTS, Dirk. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2010.

GŁUCHOWSKI, Kazimierz. Z dziejów wychodźstwa i osadnictwa polskiego w Brazylii: szkic historyczny, In: *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1971, p. 35-45.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. de M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

IANNI, Octávio. A situação social do polonês. In: _____. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1987, p. 167-195.

IAROCHINSKI, Ulisses. Por quê Polaco!, 2011. Disponível em: <https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/vinculos/monogr/Texto/Polaco.doc>. Acesso em 20 de maio 2021.

KULA, Marcin. *Polonia brazylijska*. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1981.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAGUÉ, Jean-Philippe. *Semantic Changes in Apparent Time*. 32nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 2006. Berkeley, 2006.

MARTINS, Alessandra A. *A representação da Identidade Polaca no Norte Gaúcho*. Anais Abralín, 2009. p. 3.212-3.219. Disponível em: <https://rb.gy/iswwtk>. Acesso em: 21 maio 2021.

MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos*. Curitiba: Paranaense, 1941.

MAZUREK, Jerzy. O caráter específico da imigração polonesa para o Brasil. *Polonicus: revista de reflexão Brasil-Polônia*, Curitiba, Ano 10, n. 18, p. 34-57, 2019.

O CONFLITO no Bigorriho, *Diário da Tarde*, Curitiba, 11 de jan. 1930, p. 10,
OLIVEIRA, Márcio de. *Os poloneses do Paraná (Brasil) e a questão da nacionalização dos imigrantes (1920-1945)*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional De História. Fortaleza, 2009.

OS POLACOS do Paraná. *Diário da Tarde*, Curitiba, 21 de maio de 1906.

ROBINSON, Justyna. *Awesome insights into semantic variation*. In: GEERAERTS, D.; KRISTIANSEN, G.; PIERSMAN, Y. (orgs.). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2010.

SMOLANA, Krzysztof. Sobre a gênese do estereótipo polonês na América Latina (caso brasileiro). *Estudios Latinoamericanos*, v. 5, p. 69-80, 1979.

SZAROTA, Tomasz. Pole, Polen und Polnisch in den Deutschen Mundartenlexika und Sprichwörterbüchern. *Acta Poloniae Historica*, v. 50, p. 81-113, 1984.

TRINDADE, Rhuan T. Z. *Um Imperialismo Polonês: narrativas brasileiras das relações da Polônia com os imigrantes poloneses no período entreguerras*. Curitiba, 2020. Tese (Doutorado em História) - UFPR.

WACHOWICZ, Ruy Ch. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, 1981.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIERZBICKA, Anna. The Meaning of Colour Terms: Semantics, Culture and Cognition. *Cognitive Linguistics*, vol. 1, n. 1, p. 99-150, 1990.

WOLNY, Anna. Na marginesie historii i literatury – kilka uwag o brazylijskiej figurze *polaca*. *Postscriptum Polonistyczne*, v. 21 n. 1, p. 149-160, 2018.

“SOU POLACA, SEI FALAR POLONÊS” – ON CHOSEN ASPECTS OF THE TERMS *POLACO* E *POLONÊS*

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyse the evaluation of the meanings of the terms *polaco* and *polonês* and their usage in the speech of a group of Polish descendants. This research is based on the precepts of the Language Variation and Change Theory and of Lexical Semantics. The linguistic material used for the analysis was collected during a field research conducted in a rural community of Polish descendants in Paraná. The research is based also on the historical press articles from chosen Curitiba newspapers. The analysis indicates the possible occurrence of an ongoing semantic change, both at the denotational and connotative levels.

Keywords: polaco, polonês, polish descendants in Brazil, semantic change.

Recebido em 28/05/2021.

Aprovado em 06/07/2021.